

## Ministério da Cultura e Santander

apresentam



Curadoria Carlos Augusto Mattei Faggin e Diana Malzoni



19 de abril 2024 a 14 de julho 2024













A arte de colecionar é atitude intrínseca ao ser humano, quase um instinto em guardar, organizar, selecionar e expor, orgulhosamente, os itens amealhados durante uma fase ou, em muitos casos, durante toda a vida.

Todos nós, em algum momento, iniciamos uma coleção. É natural o encantamento do mundo e as suas possibilidades visuais. Mais natural ainda é a insistência do nosso instinto em guardar esse encantamento, seja na memória, seja fisicamente. Que delícia encher gavetas, prateleiras, paredes, caixas secretas com aqueles objetos que admiramos, que nos trazem prazer! Independentemente de valores, a sensação de colecionar é de uma riqueza sem fim, um pequeno mundo que nós construímos, só nosso, uma família, que de tempos em tempos ganha um novo integrante, em ato contínuo e infindável.

### Quanto maior melhor.

Mas qual será o significado do ato de colecionar determinadas peças? Talvez ele seja uma memória afetiva importante para o colecionador, uma espécie de busca da eternização de um momento representativo de sua vida, uma referência que ele quer preservar, representar, por meio daqueles objetos: "também sou aquilo que coleciono". A exposição Colecionismo: o belo, o raro, o único apresenta ao público visitante 15 curiosas coleções — lembranças do Rio de Janeiro, faianças, banquinhos, bicicletas, bonecos Star Wars, canetas, carimbos, cartões postais, colheres, ex-votos, maquetes, máquinas de escrever, óculos, sanfonas e xícaras bigodeiras.

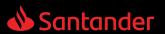


Agradecemos a gentileza e confiança dos colecionadores Adélia Borges, Carlos Augusto Faggin, Carlos Matuck, Gilberto Sá, Museu do Óculos – Gioconda Giannini, Marcio Mazza, Marcos Perassollo, Mario Figueroa, Ricardo Marques, Rodrigo Moreno, Sandra Gorski, Sergio Campos, Sergio Type e Instituto Ricardo Brennand, em nos emprestar seus tesouros organizados durante toda uma vida para apresentação ao grande público frequentador do **Farol Santander**.

Agradecemos aos curadores Carlos Faggin e Diana Malzoni pela sensibilidade, atenção e cuidados na seleção das interessantes peças que compõem esta exposição.

Esperamos que o público se encante e que esta mostra seja um estímulo ao ato de colecionar, preservando o saber e o fazer humano para as futuras gerações.

> Maitê Leite Vice-Presidente Institucional





# SUMÁRIO

- **5** A Arte de Guardar o Mundo
- Colecionismo
- 12 Bandejas
- 12 Bandejas Rio de Janeiro
- 13 Banquinhos
- **15** Bicicletas
- Bonecos Star Wars
- 19 Canetas
- **22** Carimbos
- **25** Cartões Postais
- **Colheres**
- **=1** Ex-votos
- **34** Maquetes
- Máquinas de escrever
- 42 Óculos
- 42 Sanfonas
- 44 Xícaras Bigodeiras
- **45** Translation

# A ARTE DE GUARDAR O MUNDO

**Colecionismo**: s/m, prática de guardar, organizar, selecionar, trocar e expor diversos objetos classificados por categorias ou por interesses pessoais.

Há sinais arqueológicos de coleções datados de 400 a 600 mil anos atrás. Colecionavam-se fragmentos de pedra, torrões de terra endurecidos e de cores inusitadas, lascas de ossos, pedras ou calcários com desenhos involuntários, ou com inscrições intencionais.

O ato de colecionar, é uma atividade reconhecida já há mais de 500 mil anos, como expressão de grupos de objetos com familiaridade formal, funcional, cromática, de constituição material. Há razões que explicam o ato de colecionar, que vão desde o desejo de preservação de objetos significativos para a vida de indivíduos ou de grupos sociais, até o extremo patológico da dificuldade de se desfazer de coisas, nisso incluído o desejo de materializar a memória.

### A LISTA

Imaginar é construir, e construir é identificar, classificar, ordenar, catalogar, inventariar e, assim, aproximar-se da materialidade da cultura. Com os descobrimentos, na direção da América e da Ásia, o universo conhecido no mundo europeu ampliou-se de forma considerável. As listas de ordenação e os inventários serviram de base estrutural aos "gabinetes de curiosidades" ou "quartos de maravilhas", os protomuseus, surgidos a partir do século XVI, visando saciar o desejo de demonstrar conhecimento dessas novidades.

Os gabinetes de curiosidades eram inicialmente compostos de objetos raros, divididos em três ramos da biologia: animal, vegetal e mineral. Nesses casos, o papel dos viajantes que se dirigiram às novas terras descobertas era o de reconhecer e identificar, por meio de desenhos e elencos, esse novo mundo, até então desconhecido.

Mas com a ampliação constante do universo conhecido, estes gabinetes passaram a ser organizados em quatro categorias: ARTIFICIALIA, composta por objetos criados pela mão humana; NATURALIA, por criaturas e objetos naturais; EXOTICA, plantas e animais exóticos, e, por fim, SCIENTIFICA, formada por instrumentos construídos com largo emprego da matemática e da geometria.

O pioneirismo na montagem desses espaços cabe a Ove Worm (1588-1654), que publicou um inventário ilustrado de seus objetos. O maior gabinete do mundo no século XVII, foi organizado por Hans Sloane (1660-1736), e deu origem ao British Museum. Na França, René Reamur (1683-1757) organizou a maior coleção francesa, depois incorporada à chamada Colletcion du Roi, que materializou o Musée du Louvre.

## A COLEÇÃO

As coleções, que se constituem de listas, propõem a classificação de artefatos conhecidos. Entretanto, listas, elencos ou catálogos lidam com a ideia de infinito, em primeiro lugar, de forma subjetiva, como algo que em conjunto nos supera, e, em segundo, como algo material, objetos classificáveis, mas cujo inventário não termina nunca.

Ainda assim, elas terminam por tornar evidentes FORMA e ELENCO, que se relacionam com as culturas, traçando imagens (mais ou menos imprecisas) de um dado universo.

O ELENCO se apresenta sempre que a cultura abriga inovações e imprevisibilidade. Assim foi na Idade Média, no Renascimento, no Barroco, como também no Período Moderno e no Pós-moderno. O conhecimento e a apreensão desses novos universos resultam em coleções que privilegiam a FORMA.



### O COLECIONISMO

O colecionismo procura classificar as coleções a partir da prática de selecionar, organizar, guardar e expor objetos diversos identificados por categorias. A Revolução Industrial, decerto, impactou profundamente o hábito de colecionar, pelo fato de colocar à disposição da sociedade recursos ampliados para facilitar a seleção, a organização, o armazenamento e a exposição de objetos. A tecnologia foi, então, popularizada e colocada ao alcance da sociedade, permitindo que um número sempre maior de pessoas desfrutasse dos prazeres do conhecimento.

As enciclopédias (conjunto escrito e ilustrado de todo ao conhecimento humano, segundo Diderot e d'Alembert), assim como as bibliotecas (lugar para a guarda, a organização e a conservação de livros), tornaram-se acessíveis às classes médias urbanas, e podem ser entendidas como coleções finitas, mas que pretendem ser infinitas.

Philipp Blom, historiador alemão, afirma que "o colecionismo transforma o mundo em algo diferente, mais significativo, mais ordenado e que pode nos falar a partir de coisas humildes, sapatos, garrafas, autógrafos, primeiras edições de livros, de tal forma que em seu agradável arranjo, em sua estrutura e em sua variedade, nos falam de beleza e tornam cada objeto que tanto desejamos em um atributo material daquilo que, no espírito, desejamos infinitamente".

Carlos Augusto Mattei Faggin

Curador





## COLECIONISMO

## O QUE É COLECIONISMO?

A partir de interesses pessoais, desencadeados por identificação com diversos itens, nasce uma coleção. Ela pode ser gerada pela paixão em alguma área, como interesses lúdicos, históricos ou simplesmente objetos que remetem a um histórico familiar (a fotografia, por exemplo, congela um momento importante, único, que pode ser guardado na memória, em um desenho ou em um fotograma, e resulta em um documento de vida).

Nesta apresentação, expomos acervos de diversos interesses, como óculos, maquetes (souvenirs) de prédios icônicos, bicicletas, bancos brasileiros, canetas, sanfonas, bandejas, xícaras bigodeiras, ex-votos, carimbos, cartões postais, máquinas de escrever, bonecos Star Wars e colheres. Apesar de os hábitos e tecnologias mudarem, as coleções, que documentam a cultura de um tempo que não volta mais, perduram, como podemos observar.

Existe, todavia, algo em comum entre cada uma delas: todas registram hábitos culturais de vários locais e períodos distintos, e nos permitem a percepção da evolução de costumes de várias épocas.

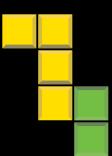
Em geral, as coleções começam de maneira espontânea, para preservar e valorizar um momento importante, uma atividade prazerosa ou lúdica.

Outros são da ordem de fé, que mostram por meio da coleção, a cultura de alguma civilização, em algum país, uma região, uma sociedade ou de um outro tempo. Algumas partem de brincadeiras de criança, nas quais o objeto do brincar vai se tornando um conjunto amplo que, ao adquirir valor, acaba direcionando aqueles que colecionam a uma futura profissão.

Outros, por curiosidade, tentam entender as engrenagens de um instrumento qualquer, e, assim, passam a conhecer mecânica, física ou química, sem notar que estão aprendendo – adquirem um conhecimento empírico.

O ato de colecionar está ligado à paixão pessoal de um indivíduo – é um ato solo!

Muitas vezes, contudo, ele é capaz de agregar pessoas com os mesmos interesses, ocasionando a troca.





## BANDEJAS

A palavra faiança deriva do nome da cidade italiana de Faenza, famosa por sua produção de cerâmica esmaltada durante o Renascimento. São usadas para servir de forma elegante e diferenciada.

Aos domingos, indo à feira do MASP, ganhei de meu marido uma bandeja desenhada em cerâmica, com bordas de estanho. A partir daí, minha família sempre procurou me presentear com alguma dessas peças. Tomei interesse e procurei sempre as exclusivas, e agora, com a exposição, voltei ao tempo e percebi o quanto elas são importantes para mim.

Foi assim que tudo começou; hoje, a minha coleção possui aproximadamente 130 bandejas de faiança. Foi um reencontro maravilhoso, que me fez relembrar momentos inesquecíveis com meus familiares.

Espero que gostem e que vejam o quanto as bandejas são interessantes e contam um pedaço da história e de nossa relação com o servir.

Sandra Gorski





# BANDEJAS RIO DE JANEIRO

As bandejas de faiança com motivos iconográficos do Rio de Janeiro são raras e muito desejadas pelos colecionadores. De origem tcheca e austríaca em sua maioria, representavam uma imagem de beleza e exotismo que envolvia a paisagem da nossa então capital do Brasil. Geralmente retratavam, de forma artística, imagens do Pão de Açúcar e regiões centrais como as praias do Botafogo e Flamengo. Por este motivo, minha bandeja favorita, raríssima, possui uma imagem que mostra de forma esplendorosa a Pedra da Gávea, o maior monólito de rocha a beira-mar do mundo.

Sergio Campos



# BANQUINHOS

Minha paixão por banquinhos começou em meados dos anos 1980, quando me tornei uma jornalista especializada em design. Essa tipologia de móveis está profundamente enraizada na cultura brasileira. Ele está presente entre os povos originários, em cada etnia com sua linguagem própria; e disseminado em mil feições, materiais e acabamentos pelos interiores do país, do Oiapoque ao Chuí. Os designers eruditos souberam beber nessa fonte, e, a meu ver, o exemplar mais significativo desse olhar é o banco Mocho, criado pelo carioca Sergio Rodrigues em 1953, que se disse inspirado no banco de ordenha de vacas. Pelo seu valor histórico, ele tem um lugar especial na minha coleção, ao lado do banco zoomorfo dos Mehinako, do Alto Xingu, esculpido em peça única de madeira e com os grafismos característicos desse povo.

**Adélia Borges** 





## **BICICLETAS**

Minha coleção começou de maneira espontânea. Após um acidente, precisei, por um longo período, fazer fisioterapia. Como sempre gostei de bicicletas, inclui o ciclismo na minha recuperação. Quando adolescente, tentei correr de bicicleta profissionalmente, e essa experiência me proporcionou muito conhecimento de mecânica, modelos e fabricantes.

Para fazer os exercícios, comprei uma bicicleta antiga de competição. Imediatamente, fiquei encantado com a qualidade das peças, o grafismo da pintura e a experiência de pedalar.

A partir desse modelo, comecei a comprar uma bicicleta atrás da outra e a restaurá-las pessoalmente, até que um dia alguém se referiu a mim como colecionador.

E lá se vão mais de 30 anos, inúmeras exposições, workshops e gravações.

A bicicleta Stella Bianca é fruto dos anos de isolamento da pandemia. Pensei em fazer um modelo que gostaria que tivesse existido; levemente inspirada na Litorina da Fratelli Vianzone, criei uma bicicleta esporte típica italiana dos anos 1930, que tem como característica os tubos do quadro, garfo, guidom e aros em madeira.

Marcos Perassollo





# BONECOS STAR WARS

Acredito que, desde criança, eu tive a essência do colecionador: éramos "colecionadores de aventuras", e atualmente meus brinquedos de infância fazem parte da minha coleção – ou seja, cuidei deles como uma coleção, e hoje ainda estão comigo.

Sempre tive a curiosidade de entender o processo de criação, seja de um brinquedo, seja de itens colecionáveis. Hoje sou consultor da linha Star Wars da empresa Iron Studios, tendo participado de projetos como o Darth Vader - 1/4 Legacy Replica, o qual ganhou dois prêmios internacionais – Estátua do Ano 2017 e de melhor estátua de grande escala, além de ser atualmente a melhor estátua já feita do personagem. Tenho muito orgulho de ter participado da premiação de um item que faz parte de minha coleção.

Colecionar significa nostalgia, e para um colecionador, cada item conta uma história; a relevância, contudo, não se deve ao custo de cada objeto, mas ao valor histórico e à busca de cada um deles.

**Rodrigo Moreno** 



## CANETAS

### INSTRUMENTOS DA ESCRITA

Hoje em dia, poucas pessoas usam canetas-tinteiro, a informação digital substitui completamente a caligrafia e elas aparecem apenas nas assinaturas de documentos. Esse panorama, contudo, começou a mudar nos últimos 50 anos, com a retomada de seu uso.

Há 60.000 anos, surgia a necessidade de registrar as informações sobre o mundo visível por intermédio de desenhos ou, mais tarde, por meio do uso da escrita (a qual aparece cerca de 4.000 anos antes de Cristo, na Mesopotâmia). Os primeiros códigos alfabéticos continham 2.000 caracteres diferentes (a escrita cuneiforme), que eram gravados com o uso de utensílios de madeira sobre placas de argila úmida.

Egípcios, persas, gregos, hebreus e fenícios trataram de aperfeiçoar essas tábuas de suporte, assim como os próprios instrumentos de escrita. As bases passaram a ser de papiro ou pergaminho, e mais tarde de papel de algodão ou de seda. As canetas evoluíram e começaram a integrar junco, bambu ou penas de aves em sua composição. A tinta, por sua vez, passou a ser o terceiro componente que tornava a escrita mais difundida. Os chineses descobriram a tinta nanquim, ou tinta-da-China, mistura de fuligem com óleo, de secagem rápida e indelével, de cor preto.



O que se viu foi o caminho associado da evolução do papel, da tinta e da caneta. A grande descoberta foi a caneta-tinteiro, na qual o reservatório acompanha a caneta e é suficiente para escrever por algumas horas, sem recarga.

O inventor norte-americano Lewis Waterman foi o primeiro a resolver os problemas de recarga, escrita sem borrões e transporte das canetas-tinteiro sem vazamento, por volta de 1840.

De lá para cá, os norte-americanos, italianos, alemães, franceses e japoneses tornaram-se os principais fabricantes mundiais desse precioso objeto.

Carlos Augusto Mattei Faggin





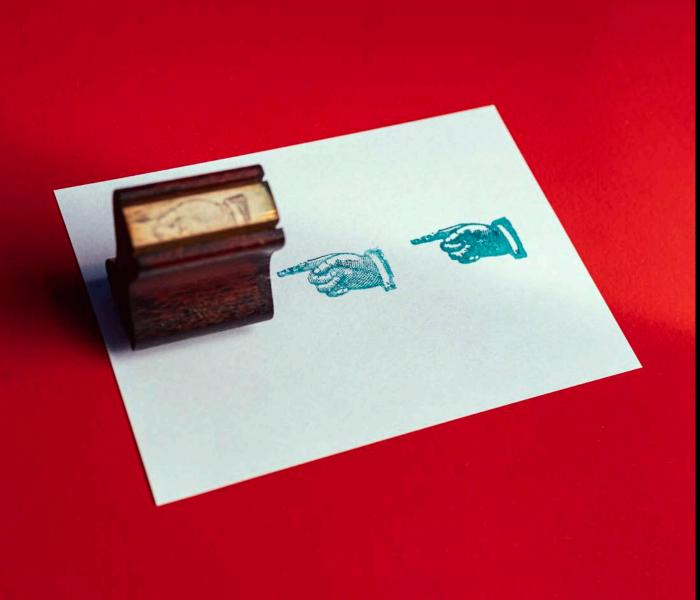
# **CARIMBOS**

Não consigo lembrar uma razão específica para o impulso de colecionar carimbos de borracha. O fato é que sempre fui um entusiasta das imagens impressas, em especial as imagens filigranadas em selos, rótulos, embalagens, ilustrações e... carimbos.

Estes últimos ainda com uma vantagem: reproduzem ao infinito a imagem que trazem gravada na borracha, permitindo a utilização dessa imagem de diversas maneiras.

Logo que decidi me tornar um artista visual, descobri também que poderia utilizar os carimbos em trabalhos de arte, e meu interesse por eles cresceu muito (a descoberta foi por meio dos trabalhos de Saul Steinberg).

Um pouco mais tarde, descobri que poderia mandar fazer carimbos com os meus próprios desenhos ou assinaturas, e que havia pequenas fábricas que vendiam carimbos com desenhos interessantes em várias partes do mundo.



A mais surpreendente delas, aqui mesmo em São Paulo – localizada na Rua Aurora, chamada Carimbos Dulcemira e infelizmente desaparecida –, produzia carimbos para papéis de embrulho do comércio varejista com imagens dos anos 1950 a 1970, com imagens nostálgicas, ingênuas, populares, magnificas, abarcando um mundo de figuras com a cara do Brasil. Desde o final da década de 1970, sempre que me deparo com curiosos carimbos de borracha, tento acrescentá-los à minha coleção.

É muito difícil escolher um carimbo da coleção que eu possa chamar de preferido, mas tive que fazê-lo: o rapaz que segura uma bicicleta antiga, posando para uma fotografia irreal, com ar despreocupado, e que nos olha curioso desde o passado, imerso em suas minúsculas linhas entrelaçadas.

**Carlos Matuck** 





# CARTÕES POSTAIS

São Paulo, 04 de maio de 1911.

Olhar para um cartão postal como este é como viajar no tempo: é mais do que somente uma memória de uma cidade que já queria virar metrópole, que crescia e se transformava com uma energia fascinante.

Em primeiro plano, vê-se o Viaduto do Chá, o primeiro a ser construído na cidade. Idealizado por Jules Martin em 1877, foi inaugurado em 1892 e construído para facilitar a transposição do Vale do Anhangabaú. Fato curioso: no início, era necessário pagar um pedágio para poder atravessá-lo. Ao fundo, o Theatro Municipal de Ramos de Azevedo, inaugurado naquele mesmo ano.

Este "bilhete-postal", escrito no dia 04 de maio, fora enviado no dia seguinte, e nele uma pessoa com assinatura irreconhecível escreve para seu amigo Miguel, avisando-o (a ele e ao Rangel) que esperariam sua chegada na quarta-feira, dia 10 (dentro de 5 dias, então) e pedia para que ele parasse de dar "arsênico" para o menino. Aliás, sempre penso nesse menino, quantos dias a mais ele tomou arsênico sem necessidade...

Mario Figueroa



## **COLHERES**

### O DELICADO REQUINTE DAS COLHERINHAS

O empenho da historiografia recente tem sido o de, sem menoscabar as figuras e eventos marcantes, atentar para a pequena história – a história do cotidiano, de seus objetos e artefatos, de seus usos e suas artes. Passa a ser prestigiada a atenção à vernaculidade dos costumes, e este lídimo viés historicista leva a cogitar sobre o que levou a que talvez, a partir do século XIX, tenha se difundido desde a Europa a ideia de produzir pequenas colheres como souvenir ou mesmo como pequenas obras de arte, portáteis e colecionáveis.

É sabido o pendor romântico pelo exótico, pelo distante, pela aventura e pelas viagens. Os progressos na navegação e as ferrovias abriram as portas do mundo, e os romances e as narrativas de expedições tornam-se usuais. Os gabinetes de curiosidades também proliferam entre os abastados cultos desde o século XVI, e seus visitantes podem ali admirar-se com exóticas expressões artísticas de povos longínquos, tempos remotos e territórios inviolados – e não por alegada saudade, mas apenas por curiosidade.

O que se apresenta aqui é uma seleção de uma coleção de mais de 300 utensílios, a qual encontra-se em posse de minha família há mais de 80 anos, algumas peças possivelmente há mais de um século.

Não se sabe como a coleção foi originalmente formada, mas que ela pertenceu à senhora Elisa Larenas Canella, avó de minha mãe e que se casara em segundas núpcias com o marquês italiano Francesco de Canella. Este apurado colecionador de obras de arte migra da Itália para o Brasil em inícios do século XX, e passa a residir em uma ampla mansão no Morro da Glória, na cidade do Rio de Janeiro. Ali ele começa a dirigir um moinho de trigo e participa intensamente da vida cultural e social. Entre outras obras de alta qualidade que compõem seu acervo artístico, encontra-se o conjunto de colherinhas. A memória da formação da coleção perdeu-se, mas possivelmente Francesco tenha trazido o núcleo da coletânea de sua terra natal - ele provavelmente conhecia a história e a origem de muitas das peças e talvez a tenha narrado para sua esposa. A neta, que passava longas estadas com o casal, pode ter ouvido algumas delas, mas tinha então outros interesses e prestara pouca atenção.

Em 1941, Francesco falece e deixa parte de seus móveis e de suas obras para a esposa. Elisa lega alguns de seus bens para sua neta, Adriana, guarda outros para si e, embora a ocasião seja pouco propícia, – pois o mundo em guerra e penúria tem outras prioridades -, leiloa o restante. Em seguida, retorna ao Chile, seu país de origem, onde reside até falecer, em 1957. A coleção de colherinhas é doada para sua neta, Adriana, que a guarda com grande zelo e eventualmente até a amplia, em geral com unidades adquiridas como lembranças de localidades ou eventos. Contudo, a parcela mais substancial - as peças mais notáveis, antigas e raras, e as de rebuscado virtuosismo artesanal - provavelmente provenha do acervo inicial - parcela esta que agora se abre a esta exposição. Dos netos de Adriana, a que mais

se interessou pelas colherinhas foi Flávia Marques de Azevedo, que muitas vezes se deliciava apreciando-as, seus requintes e detalhes. Foi ela que herdou a coleção, a qual agora está de posse de sua irmã, Clara.

Até o século XI, no Ocidente, o único talher que se usava era a faca, que era portada no cinto pelos homens e servia a uma infinidade de usos. Quando uma refinada princesa bizantina traz em sua bagagem um garfo, é acusada de ímpia, vilipendiada e acoimada do pecado da soberba. As pessoas, até então, comiam com as mãos e não havia pratos individuais: o alimento (sobretudo carnes) era disposto sobre a mesa e todos se serviam. Os caldos e sopas provavelmente eram tragados diretamente dos potes.

Bebidas como chás (orientais) e café (árabe) só passariam a ser apreciados na Europa muito tempo depois. Colheres até deviam existir, mas para fins litúrgicos ou farmacêuticos (alquímicos). Seu uso em refeições só se generaliza quando o Ocidente se refina e a cultura cortesã se difunde. Afora as grandes bibliotecas, o colecionismo também é fenômeno tardio: provavelmente esteja associado ao mecenato, e, já no século XV, potentados civis e clericais acumulam obras antigas. Michelangelo iniciou-se no ofício de estatuário no Jardim de São Marcos no qual Lorenzo, o magnífico, reúne seu notável acervo de milenares obras helenísticas e romanas. Logo, os itens colecionáveis se expandem, e Luís XIV, por exemplo, coleciona lenços, assessórios de uso recente à época.



Além de sua serventia usual – mexer líquidos, chá ou café nas xícaras –, historicamente confeccionam-se colherinhas com diversas finalidades. Algumas são obras de esmerado artesanato, elaboradas visando celebrar efemérides: papados, coroações, festividades, feiras e datas notáveis, como centenários ou jubileus. Em certos casos, fins litúrgicos, decorativos ou rituais também são visados.

O material habitual nas colheres é o aço industrial, mas na coleção encontram-se muitas peças em prata, várias em ferro, bronze, cobre, estanho, latão, madeira, porcelana, madrepérola, e até em marfim. Refulgem também peças com incrustações de pedras semipreciosas, jade, pérola, nácar e esmalte.

É de se notar que, a par com a importância histórica e geográfica do acervo, há um notável trabalho artesanal em muitos exemplares: obras primorosas, de minuciosa ourivesaria, de elaborados entalhes e de delicada gravação ou talhe manuais. Para isto, convergem materiais raros, formas e dimensões inusitadas e, sobretudo, um alto esmero na fatura - o artesão se compraz em exibir seu virtuosismo. A pega lisa deve ser torcida, ranhurada, anelada, cravejada e articular-se elegante e astuciosamente com a concavidade da colherinha, e esta, por sua vez, terá formatos caprichosos e também será altamente elaborada. O empenho do artesão é que tudo concorra para que sua obra seja admirável.

## **Ricardo Marques**





## **EX-VOTOS**

### EX-VOTOS DE MADEIRA DO SERTÃO NORDESTINO

Originalmente confeccionados em argila, os ex-votos de madeira apareceram no sertão nordestino nos primeiros anos do século XX. Eram utilizados pelos sertanejos para recebimento de graças alcançadas. Esculpidos pelos próprios penitentes, que se utilizavam de madeiras disponíveis localmente, representavam partes do corpo humano acometidas por algum tipo de moléstia. Para a cura, apelavam aos santos e padroeiros de estabelecimentos religiosos, em visitas que ocorriam quase sempre em dias de eventos e festas católicas especiais. Os penitentes já chegavam ao seu destino acompanhados de seu(s) ex-voto(s), geralmente produzidos por si ou por parentes e amigos conterrâneos, na forma de esculturas rústicas produzidas em madeira.

Esse fenômeno evoluiu com o passar dos anos, começando com a identificação de pessoas com habilidades artesanais, que passaram a produzi-los por encomenda, devido à sua qualidade artística. Estimulados pelos párocos das capelas e igrejas que prosperavam com a prática, um início de comércio começou a se desenvolver. Durante as festividades, estabelecimentos ofereciam objetos de prática religiosa como velas, véus, rosários e terços, passando então a incluir ex-votos, os quais poderiam ser adquiridos pelos frequentadores.



Por tudo isso, esses artigos de madeira do sertão nordestino são classificados como um objeto de artesanato, que surgiu espontaneamente para finalidades específicas. Desenvolveram-se tão rápido quanto se extinguiram, o que atraiu colecionadores a promoverem sua recuperação, quando ainda era possível encontrá-los, até o último quartil do século passado. Os ex-votos em madeira foram se reduzindo, sendo substituídos e se extinguindo pouco a pouco, tornando-se um objeto de curiosidade e interesse de colecionadores, os quais organizaram acervos que sobrevivem até hoje e registram, para a posteridade, sua importância.

Gilberto Sá





# MAQUETES

Existem vários tipos de colecionadores; os mais conhecidos são:

- os que decidem iniciar uma coleção, escolhem um tema e saem comprando como podem;
- os que o fazem por motivos unicamente profissionais, visando lucro num futuro imediato
- e os que, como eu, compram ou ganham um objeto que no geral, não sabemos, mas serão o mote dessa aventura; o primeiro item da coleção que você ainda não sabe que vai ter e, a partir desse momento, uma inexplicável paixão, meio redundante, inicia o processo de se antenar mais com esse tema.

"A coleção é uma forma de arte como o brincar, um ato que envolve a ressignificação dos objetos dentro de um mundo de atenção e manipulação de contexto. Como outras formas de arte, sua função não é a restauração do contexto de origem, mas a criação de um novo contexto, de uma forma metafórica." (Walter Benjamin)



O colecionador expõe a pluralidade das linguagens de simples objetos, desconstruindo e reconstruindo os seus significados por meio de outra leitura, particular e única. Muda-se o contexto original e cria-se um novo universo (sagrado?).

Comprei a primeira maquete em Paris em 1980, e desde então, meio sem perceber, não parei mais: envolvi-me com essas representações arquitetônicas, bibelôs vulgares para alguns, que expressam bem o valor e a importância da arquitetura, não só nas nossas memórias de viagens, mas em nossas vidas. Alguém já disse que o que sobra de uma civilização é sua arquitetura. Comprando ou ganhando, cheguei, sem pressa ou angústia, a mais de 120 maquetes que, evidentemente, para mim não são apenas souvenirs de viagens, mas testemunhos vivos da permanência e da pertinência da arquitetura em nosso cotidiano e em nossa cultura.

Marcio Mazza





# MÁQUINAS DE ESCREVER

### UM ENCONTRO AFETIVO COM A ESCRITA

Tenho 56 anos, e sou redator há mais de 30, trabalhando com marketing de conteúdo e inovação. Minha coleção de máquinas de escrever começou em 2015, época em que eu estava fazendo um curso de narrativa de ficção e, como o computador remetia muito ao meu trabalho diário, tive a ideia de voltar às máquinas de escrever.

O modelo que iniciou minha coleção foi uma Olivetti Lettera 22. Hoje, tenho mais de 50 exemplares, a maioria deles modelos utilizados por artistas e autores que admiro: Ariano Suassuna usou uma Olivetti Studio 45; Sylvia Plath ficou encantada quando comprou a sua Hermes 3000; Carlos Drummond de Andrade escreveu parte de sua obra em uma Olivetti Studio 44; em 2015, a Olivetti Valentine de David Bowie foi leiloada na Sotheby's, em Londres, por US\$ 56.565,00, e fiquei muito emocionado quando vi a Olivetti Lettera 22 de Clarice Lispector, na exposição Constelação Clarice, em 2022.

Sou um dos pioneiros a compartilhar conteúdos sobre máquinas de escrever no Instagram. Meu perfil, @sergiotype, nasceu com a intenção de mostrar que o digital e o analógico podem conviver em perfeita harmonia.



Uso um notebook de última geração no trabalho e mantenho uma máquina de escrever bem ao lado – comprei uma mesa em L só para isso: basta virar a cadeira para mudar de universo.

O que começou como um hobby acabou se transformando em um negócio de nicho, pois tenho uma pequena equipe de mecanógrafos que restaura máquinas de escrever sob minha curadoria e, eventualmente, disponibilizo para compra algumas peças da minha coleção.

De uma forma muito natural e orgânica, as máquinas de escrever mexeram com a minha memória afetiva. Esse reencontro deu origem a novos encontros com pessoas que, como eu, valorizam os objetos analógicos. Não por nostalgia ou saudosismo, mas pela sensação de interagir com coisas reais, repletas de sensibilidade, emoção e histórias – muitas histórias.

Sergio Henrique de Oliveira





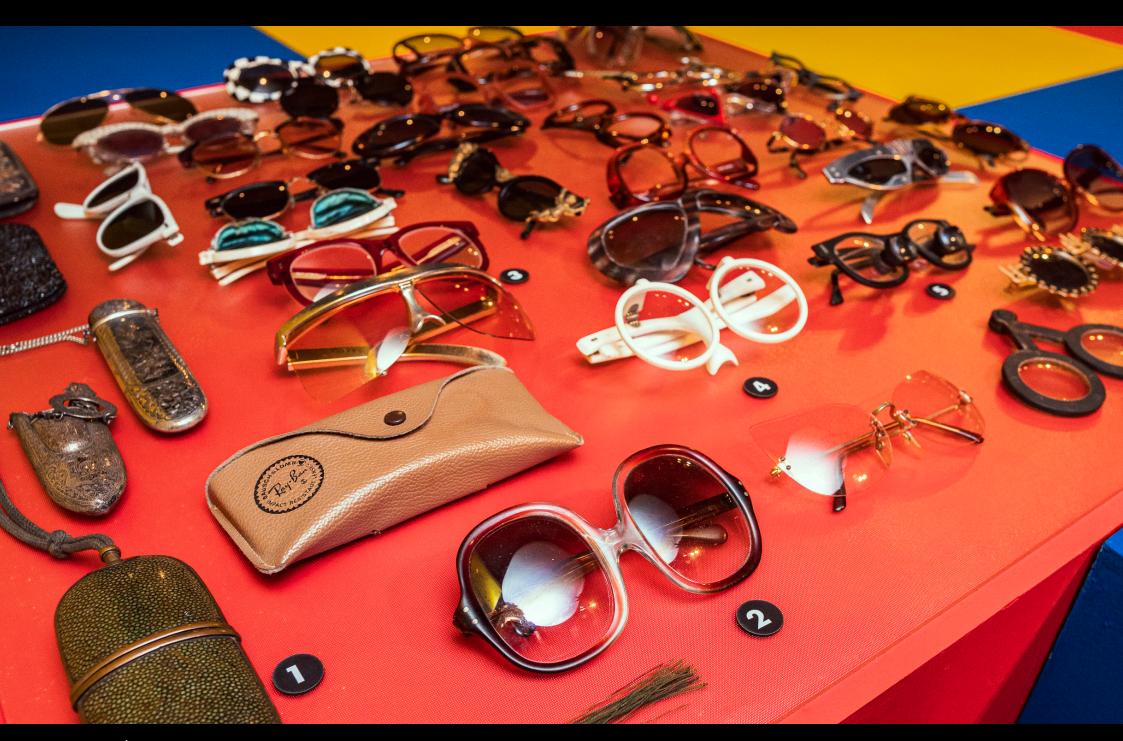
## ÓCULOS

Fundado em 1996 por Miguel Giannini e Álvaro Ferriolli, o Museu dos Óculos Gioconda Giannini é lar de mais de 900 peças, abrangendo desde os primórdios até os dias atuais. A coleção, organizada cronologicamente, oferece uma visão da evolução desses objetos e sua relevância na sociedade.

A peça mais antiga, datada do século XVII, foi adquirida em um antiquário na Itália. O museu apresenta réplicas dos primeiros óculos descobertos na Alemanha, no século XIII. Destacam-se peças raras e curiosas, como óculos-leque, armações com toldos contra o sol e pinças de nariz. A coleção inclui óculos usados por personalidades como Elis Regina, José Wilker, Jô Soares e Rita Lee.

A coleção homenageia a paixão de Miguel Giannini por esses artefatos, permitindo aos visitantes mergulhar na história, apreciar a beleza das peças e compreender como os óculos se tornaram essenciais na vida de milhões de pessoas.

Museu do Óculos Gioconda Giannini





## SANFONAS

A história de Mariano Dallapé, assim como a de Paolo Soprani, confunde-se com a invenção e produção das primeiras harmônicas na Itália e no mundo. Mas o caso de Dallapé, é sui generis, pois ele assinava as lindas harmônicas que fabricava na pequena cidade de Stradella com sua própria fotografia estampada no frontal do instrumento, sinal de total garantia. Escolho essa peça em particular por ser uma das primeiras por ele fabricada, toda composta por botões de madrepérola, antes mesmo da introdução do teclado, e ricamente decorada em fino trabalho de marchetaria no final do século XIX.

**Sergio Campos** 





## XÍCARAS BIGODEIRAS

Nos tempos de outrora, ostentar um longo e volumoso bigode era sinônimo de elegância e poder, quase tão obrigatório quanto o chapéu no topo da cabeça e o traje formal. Bem penteados e encerados, rostos masculinos desfilavam pelas ruas das então grandes cidades exibindo os bigodes. Na Inglaterra do século XIX, na dita era vitoriana, a invenção de um engenheiro chamado Harvey Adams mudou os modos de se tomar o tradicional chá, e café, fortemente presentes naquela cultura. Eis que surgiram as bigodeiras, ou xícaras de bigode: xícaras com saliência em forma de meia-lua de modo a permitir a passagem do líquido até a boca sem que o vapor quente derretesse a cera ou o bigode fosse molhado estragando assim o penteado dos pelos.

Colecionadas, de forma cuidadosa e meticulosa, ao longo de 30 anos por Margarida Cantarelli, e posteriormente adquiridas por Ricardo Brennand, fundador do renomado Instituto Ricardo Brennand em Recife, as xícaras aqui mostradas são parte de uma coleção de 1.270 xícaras compradas em antiquários e mercados de pulga de diversos lugares do mundo, em especial da Europa. Há xícaras de tamanhos grandes, outras finas como casca de ovo. Há xícaras para homens canhotos, outras para casais. Há xícaras com desenhos, outras com monogramas familiares. Para cada tipo de sujeito e para cada bigode, uma xícara.

Instituto Ricardo Brennand



### TRANSLATION

The art of collecting is intrinsic to the human attitude, almost as an instinct to gather, organise, select, and proudly display the items amassed during a phase or, in many cases, throughout a lifetime.

All of us, at some point, start a collection. The enchantment of the world and its visual possibilities is natural. Even more natural is the insistence of our instinct to preserve this enchantment, whether in memory or physically. What a delight it is to fill drawers, shelves, walls, secret boxes with those objects we admire, that bring us pleasure! Regardless of value, the sensation of collecting is of endless wealth, a small world we build, solely ours, a family that from time to time gains a new member, in a continuous and endless act. The bigger, the better.

But what is the meaning of collecting certain pieces? Perhaps it is an important emotional memory for the collector, a kind of pursuit of eternalizing a representative moment of their life, a reference they want to preserve, represent, through those objects: "I am also what I collect."

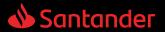
The exhibition Colecionismo: o belo, o raro, o único presents to the public 15 curious collections-memories of Rio de Janeiro, faience, stools, bicycles, Star Wars figurines, pens, stamps, postcards, spoons, ex-votos, models, typewriters, glasses, accordions, and moustache cups.

We thank the kindness and trust of collectors Adélia Borges, Carlos Augusto Faggin, Carlos Matuck, Gilberto Sá, Museu do Óculos - Gioconda Giannini, Marcio Mazza, Marcos Perassollo, Mario Figueroa, Ricardo Marques, Rodrigo Moreno, Sandra Gorski, Sergio Campos, Sergio Type, and Instituto Ricardo Brennand, for lending us their treasures organised throughout a lifetime for presentation to Farol Santander's visitors.

We thank curators Carlos Faggin and Diana Malzoni for their sensitivity, attention, and care in selecting the interesting pieces that compose this exhibition.

We hope the public will be enchanted, and that this exhibition will be a stimulus to the act of collecting, preserving knowledge and human craftsmanship for future generations.

Maitê Leite Institutional Vice President



Collecting is the practice of organising, selecting, exchanging, and exhibiting various objects according to categories or personal interests. Its origins date back to 600,000 years ago. However, since then, the act of collecting has expressed the preservation of individual or social meanings, materializing memory.

Cabinets of Curiosities emerged in the 16th century as proto-museums, gathering rare objects divided into different categories. Pioneers like Ove Worm and Hans Sloane gave rise to extensive collections. Collections, by classifying known objects, deal with the notion of infinity, revealing form or cast, depending on cultural knowledge. Modern collecting, driven by the Industrial Revolution expanded the access to knowledge and technology, thus bringing the pleasures of collecting to the middle urban classes.

According to the historian Philipp Blom, collecting transforms the world. It confers meaning and beauty to objects, making each desired item a material attribute of the infinite desires of the spirit.

Carlos Augusto Mattei Faggin
Curator

Collecting stems from a passion for various items and evolves as a personal journey that reveals customs, stories, and even the evolution of society. In this exhibition, we are taken on a tour of different collections, ranging from glassware to building models to bicycles, benches, pens, accordions, trays, cups, ex- votos, stamps, postcards, typewriters, Star Wars figurines, and even spoons.

By bringing together the past and present, collections can document habits and the evolution of technologies, allowing us to observe the change of customs over time. Whether driven by passion, faith, playfulness, or curiosity, each collection has a unique beginning. Some preserve important moments, others reveal a people's culture, and some even awaken professional vocations. The act of collecting, though individual, connects people with shared interests, fostering communities and exchanges of experiences.

In this journey through collections, we discover how simple objects can tell extraordinary stories, weaving a portrait of our culture and evolution.

Diana Malzoni
Curator

### PENS

Although the digital era has dominated the forms of writing, the fountain pen, once a symbol of calligraphy and signature, has been experiencing a resurgence in the last five decades. The pen's history dates back 60,000 years in Mesopotamia when the need to record the world manifested in drawings and writing.

The first alphabets, with 2,000 characters, were engraved on wet clay tablets with wooden tools. Egyptians, Persians, Greeks, and others perfected writing supports and instruments. Papyrus, parchment, and other materials then replaced clay. Reed pens, bamboo, and bird feathers evolved the writing process. Ink, a crucial element, reached its peak with Chinese ink, quick-drying and indelibly black. However, the greatest invention was the fountain pen, which had an ink reservoir for hours of writing without refilling.

In 1840, the American Lewis Waterman solved the problems of refilling, blots, and leaks, boosting the popularity of the pen. Currently, American, Italian, German, French, and Japanese brands dominate the production of fountain pens, which, besides being writing tools, are also collector's items and an expression of style.

Carlos Augusto Mattei Faggin

### **TYPEWRITERS**

As a writer for over 30 years, at the age of 56, I collect typewriters. I started in 2015, and today I have more than 50 pieces.

The machine that initiated my collection was an Olivetti Lettera 22. My focus is on models of authors whom I admire. Ariano Suassuna used an Olivetti Studio 45. Sylvia Plath was delighted when she bought her Hermes 3000. Carlos Drummond de Andrade wrote part of his work on an Olivetti Studio 44. In 2015, David Bowie's Olivetti Valentine was auctioned at Sotheby's in London for US\$56,565.00. I was deeply moved when I saw Clarice Lispector's Olivetti Lettera 22 at an exhibition in 2022.

In an organic way, typewriters have stirred my emotional memory. Not out of nostalgia or sentimentality, but for the sensation of interacting with real things, full of sensitivity, emotion, and stories—so many stories.

Sergio Henrique de Oliveira

## STAR WARS FIGURINES

My passion for collecting blossomed during my childhood when toys were more than just entertainment; we were the "Adventure Collectors." Today, those same toys, carefully preserved, are part of my collection.

The old curiosity about how toys were made translated into a career with collectables. I became a consultant for Iron Studios' Star Wars line, participating in memorable projects, such as the Darth Vader-1/4 Legacy Replica statue. Internationally awarded as Statue of the Year in 2017, the work transcends any material value. It is with pride that I see my name associated with an item that is part of my own collection.

Collecting signifies nostalgia to me. Each item tells a story and has a meaning. The relevance lies not in the cost of each item but in its historical value and the journey of search and conquest.

**Rodrigo Moreno** 

## ARCHITECTURAL MODELS

My collection of architectural models began in 1980, in Paris, with an impulsive purchase of a miniature of the Centre Georges Pompidou. Since then, I have amassed over 120 pieces. This collection transcends mere travel souvenirs, becoming a testimony to the importance of architecture in our culture.

Two highlights of the collection are:

Firstly, a model of the Centre Georges Pompidou, affectionately known as "Beaubourg". It reminds me of one of my workplaces and where I was enchanted by the work of Renzo Piano and Richard Rogers.

Secondly, a model of the Santander Lighthouse - a relic representing the vigour of the "city that never sleeps", São Paulo. Living in Mooca during my childhood, I was captivated by the imposing silhouette of the "Banespão", as it was affectionately nicknamed.

Each model carries a story, a particular meaning, and connects me with different moments of my life and the history of architecture. This passion allows me to revisit places, relive memories, and celebrate the beauty and importance of architecture in everyone's daily lives.

Marcio Mazza

## POSTCARDS

São Paulo, May 4th, 1911.

Looking at a postcard like this is like taking a journey through time. More than memory, it is a living testimony of an effervescent city wishing to transform into a metropolis. In the foreground, one finds the Viaduto do Chá, the first of the city, which opened in 1892. In the back is the Municipal Theatre of Ramos de Azevedo, from the same year as the postcard.

In the back, a handwritten note from the 4th of May, which was sent on the 5th. Someone with unintelligible handwriting, tells a friend, Miguel, that they and Rangel will be waiting for him on Wednesday, the 10th, and ask him to stop giving 'arsenic' to the boy. I always think about this boy. How many more days did he take arsenic unnecessarily?

Mario Figueroa

### **TRAYS**

The word 'Faience' derives from the name of the Italian city of Faenza, famous for its production of glazed ceramics during the Renaissance. They are used to serve elegantly and distinctively.

On Sundays, I went to the MASP market with my husband. He once gave me a ceramic tray with tin edges. From then on, my family always sought to gift me trays. I became interested in these objects and began looking for the exclusive ones. With this exhibition, I returned in time and realised how important they have become to me.

That's how it all started. Today, my collection has approximately 130 faience trays. But it is also a reunion of memories and unforgettable moments with my family. Thank you for the invitation. I hope you enjoy it and see how curious trays can be, how they tell a piece of history and our relationship with serving.

Sandra Gorski

### GLASSES

Founded in 1996 by Miguel Giannini and Álvaro Ferriolli, the Gioconda Giannini Eyewear Museum is home to over 900 pieces, from the first varieties of glasses to present-day counterparts. The collection, organised chronologically, offers an insight into the evolution of eyewear and its significance in society.

The oldest piece, dating back to the 17th century, was acquired from an antique shop in Italy. The museum showcases replicas of the first eyeglasses discovered in Germany in the 13th century; it also emphasises rare and curious pieces, such as fan glasses, frames with sun shades, and nose pincers. The collection includes eyewear worn by personalities such as Elis Regina, José Wilker, Jô Soares, Rita Lee, and politicians like Fernando Henrique Cardoso and Mário Covas.

The collection pays homage to Miguel Giannini's passion for eyewear, allowing visitors to dive into history, appreciate the beauty of the pieces, and understand how this object has become essential in the lives of millions of people.

Museu dos Óculos Gioconda Giannini

### STAMPS

I can't recall a specific reason for the impulse to collect rubber stamps. The truth is, I've always been fascinated by engraved images, which are infinitely reproducible. As a visual artist, I discovered the potential of stamps in creating artworks inspired by Saul Steinberg.

My passion grew upon realising I could create stamps and find shops with incredible designs like the dearly departed Dulcemira Stamps in São Paulo. Their stamps for wrapping paper, with nostalgic images from the 1950s to the 1970s, portrayed typical scenes from Brazil.

Since the late 1970s, I have been collecting curious stamps without a defined favourite. But if I had to choose, would be the one of the boy holding an old bicycle in a carefree pose, observing us from the past with its tiny intertwined lines.

**Carlos Matuck** 

### **BICYCLES**

After an accident, cycling became part of my recovery. My passion for bicycles began during my adolescence when I attempted to pursue a professional career, which led me to buy an old racing bike for exercise. Fascinated by the quality and history of bicycles, I began buying and restoring others spontaneously. Without realising it, I became a collector, accumulating over 30 years of history.

The Stella Bianca, inspired by the Litorina from Fratelli Vianzone, is the result of the pandemic isolation. It is a typical Italian sports bicycle from the 1930s, with frame tubes, fork, handlebars, and wooden rims, representing my vision of what my dream bicycle would be like.

Marcos Perassollo

## TRAYS OF RIO DE JANEIRO

Faience trays with iconographic motifs of Rio de Janeiro are objects of desire among collectors. Produced mainly in Czechoslovakia and Austria in the early 20th century, they represented the exotic and paradisiacal image of the capital of Brazil at the time. Landscapes like the Sugarloaf Mountain, the beaches of Botafogo and Flamengo were portrayed with a unique touch.

In this collection, one piece stands out for its rarity and singular beauty: a miniature of the Gávea Rock. This seaside monolith, the largest in the world, is splendidly portrayed on the tray, capturing its grandeur and natural beauty.

Each tray is a window to the past. And the Gávea Rock tray, in particular, is a symbol of the grandeur of nature and the cultural richness of Rio de Janeiro.

**Sergio Campos** 

## BIGODEIRAS TEACUPS

In the older days, sporting a voluminous moustache symbolised status and elegance. To protect the wax and the styling of moustaches from the hot steam of tea, the engineer Harvey Adams invented the moustache cup. It was a half-moon-shaped protrusion that allowed for tasting without wetting the facial hair.

Margarida Cantarelli dedicated 30 years to collecting these cups, which were later acquired by Ricardo Brennand. The collection of 1,270 pieces, on display at the Ricardo Brennand Institute in Recife, reveals the diversity of designs and functionalities: varying sizes, models for left-handed individuals, couples, and even monogrammed teacups.

Moustache cups are a toast to the past and human ingenuity, demonstrating how simple objects can solve problems while simultaneously reflecting the customs and values of an era.

Instituto Ricardo Brennand

### SPOONS

The collection of over 300 teaspoons, present in the family for over 80 years, holds secrets and stories. Its origin dates back to the early 20th century when Marquess Francesco de Canella, an expert Italian collector, moved to Brazil. He possibly brought with him the core of the collection, composed of rare pieces and remarkable craftsmanship.

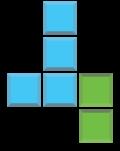
After the Marquess's passing, his then-wife, Elisa Larenas, inherited the collection who left it to her granddaughter Adriana. She expanded it with new pieces acquired on her numerous travels and international events. Among the grandchildren, the one most interested in the teaspoons was Flavia, who delighted in appreciating their details. The oldest and most valuable pieces, with exotic materials and intricate designs, probably belonged to Francesco and Elisa's original collection.

The collection offers a glimpse into the history of spoons, from the earliest rudimentary versions to miniature works of art. Through the variety of materials, shapes, and origins, we can travel through time, exploring different cultures and customs.

The collection goes beyond a mere set of objects, representing a collector's passion and a family's cultural heritage. Each teaspoon tells a story, a chapter of a past rich in detail.

**Ricardo Marques** 





### ACCORDIONS

Just like Paolo Soprani's story, Mariano Dallape's story intertwines with the invention and production of the first accordions in Italy and the world. But Dallape's case is special, the accordions he manufactured in the small town of Stradella displayed his own photograph printed on the front of the instrument, a sign of total guarantee!

My passion for accordions led me to collect various models over the years, and among my treasures is one of the first pieces made by Dallapé. Composed of mother-of-pearl buttons, even before the introduction of the keyboard, and richly decorated in fine marquetry work at the end of the 19th century, this accordion is a true gem.

**Sergio Campos** 

### **EX-VOTOS**

In the early 20th century, wooden ex-votos emerged in the Northeastern backlands of Brazil as expressions of faith and gratitude for granted graces. Carved by the penitents themselves from local woods, they represented parts of the human body to be healed through divine intervention.

Over time, local artisans perfected techniques, transitioning to producing ex-votos on demand. Encouraged by priests, an incipient trade emerged, with shops selling religious items and ex-votos during festivities.

From the second half of the 20th century onwards, wooden ex-votos gradually gave way to other materials. Their rarity made them objects of interest for collectors, who preserve this important cultural tradition.

The wooden ex-votos of the Northeastern backlands represent the faith, art, and tradition of a people. They are a historical record of popular religiosity and the region's artisanal creativity.

Gilberto Sá

### STOOLS

My passion for stools began in the mid-1980s when I became a journalist specialising in design. This type of furniture is deeply rooted in Brazilian culture. It is present among indigenous peoples, in each ethnicity with its language, and disseminated in a thousand forms, materials, and finishes throughout the country's interiors, from Oiapoque to Chuí. Erudite designers knew how to draw from this source, and, in my view, the most significant example of this perspective is the Mocho stool, created by the Rio de Janeiro native Sergio Rodrigues in 1953, who said the milking stool inspired him. For its historical value, it has a special place in my collection, alongside the zoomorphic stool of the Mehinako from the Upper Xingu, sculpted in a single piece of wood and with the characteristic graphics of these people.

Adélia Borges



#### SANTANDER BRASIL

#### **Presidente**

Mario Leão

### Vice-Presidente Executiva Institucional

Maitê Leite

### Head - Experiências & Cultura

Bibiana Berg

### FAROL SANTANDER SÃO PAULO

### Head – Faróis Santander São Paulo e Porto Alegre e Coleção Santander Brasil Carlos Euaênio Trevi

### Especialista – Exposições

Danielle Dominaues

### Especialista – Eventos

Catiuscia Michelin

### Especialista – Comunicação

Gustavo Rosa Favaro

### Estaaiária

Giovanna Lagoeiro Nunes

### Jovem Aprendiz

Gustavo Almeida da Silva

#### Gestão Predial

Barbara Rema Tools Digital Services

Caio Guimarães Geany Xavier Cushman Wakefield

### Manutenção Predial e Missão Crítica

Diogo Machado Tools Digital Services

### Manutenção Predial

Aguinaldo Evangelista dos Santos Arlon de Jesus Aroucha Celso Primo Diego de Oliveira dos Santos Diogo Willians de Oliveira Ednaldo Santos Nascimento Fabio Floriano da Silva Francisco Wanderson Gabriela Silva Monteiro Giovanni Romano Pitarello Sanches Ivan Veloso Junio da Silva Santos Paulo Roberto Lima Luciano da Silva Paulo Rubens Abreu Kaminsky Renato Marino Dias Conbras Servicos Técnicos de Suporte

Rafael Esteves Rian Pereira Santos Mansery

### Áudio e Vídeo

Marcelo Nunes Quézia Sales Alexandrino Empresa SEAL

#### Coordenadoras de Assistentes Culturais

Joelma Lopes da Silva Vanessa Cristina Rosa dos Santos Svmpla

#### **Assistentes Culturais**

Alana Cardoso Batista Ana Clara Dantas Beserra Azeni Lucas dos Santos Beatriz Vieira dos Santos Breno Tavares Carvalho Noqueira Ettore Thierry de Lima Leite Fernanda Muniz Damasceno Jorae Francielle Aparecida Custódio Jane Cleide da luz Modesto João Victor de Brito Jonathan Aquiar Cruz Jose Eduardo Nogueira de Oliveira Lucas Miguel de Almeida Sympla

### Especialista de Segurança

Renato Ferreira dos Santos

### Supervisor de Segurança

Edson Costa Grupo Espartaco

### Bombeiros, Viailantes e

Controladores de Acesso Alexandre Antonio da Silva Alex Saraiva Belo Alisson Gabriel Tavares Pina Allan Vital da Silva Alvsson Luiz da Silva Ana Claudia da Silva Antonio José Nunes da SilvaAntonio Raimundo C. de Jesus Beatriz Almeida dos Santos Carlos Alexandre Jesus Danilo Pereira Belo Denis Franciscus Alves Silva Dieao Michel Freire Santos

Doualas Lopes da Silva Edson Andre da Silva

Elaine C. Silva Moreira

Eliane C. dos Santos Fernandes

Emiliano da Silva

Fabiana X. dos S. Nascimento

Felipe Adorno Ikeda Flavio de Oliveira Lobo

Gianluca Ribeiro Galli

Gilmar Santana Hipólito

Gilmara Santana

Gleison da Silva Souza

Guilherme Castelo Teixeira

Helio Goncalves da Silva

Iranilson Candido Silva

Jean Paulo Martins Santos

Jesilene Lopes de Morais

Joseph Sandes Santos

Leandro Bueno

Lucas Guzzo Pereira

Lucas Nogueira Rodrigues

Luiz Felipe Correia de Freitas

Luiz Fernando Inacio Silva

Matheus Ferreira de Araujo

Nádia Aleixo de Souza

Patricia Rossi Bronze

Pedro Cremildo de Souza

Rafael dos Santos Ferreira

Rita de Cassia Silva A. da Costa

Rodrigo Faustino Miranda

Sebastião Arodo de Lima

Sebastião Rabelo da Silva

Sergio Carrara

Sinatiely Lorena da Silva Avelino

Tarciso do Vale Santos

Tiago Oliveira de Souza

Ulisses Caetano de Oliveira

Victor Hugo Lima de Souza

Vinicius Alexandre R. Leitão

Vinicius Maturchi Santos

Grupo Espartaco

### Recepção

Gisele Cristina Batista de Oliveira Luana Ferreira de Paula Verônica Alves Santos da Silva Empresa OSESP Servicos

### Coordenação de Limpeza Predial

Daniela Mavumi Fabiana Silva de Jesus Marcia Cardoso dos Santos Grupo GPS

### Limpeza Predial

Alciene Lopes Amarildo Assunção Anna Paula Ferraz Carolina Beatriz Edilene Silva Flaine Cristina de Almeida

Elizabete Maria do Nascimento

Elizeu Franca

Erika Anielle

Gilvan Augustinho

Jaqueline Pereira

Jefferson de Oliveira

Joana Darc

Joselita Nascimento

Josiane Jesus

Keyla Beatriz Ribeiro

Luciene Serafim

Maria Eliane

Nancy Mara

Nathally Weida Dias Pereira

Raimunda Nonata

Raimundo Clerio

Renata Patricia Gomes

Renato Bessa

Rodrigo Santana

Tainara Caetano

Valdenice Costa

Valeria Adriana Wesley Serafim

Grupo GPS

### COLECIONISMO -O BELO, O RARO, O ÚNICO

#### Curadoria

Carlos Augusto Mattei Faggin Diana Malzoni

### Concepção e Criação

Fernando Brandão

### Produção Executiva

Angela Magdalena

### Direção de Produção

Raí Franz

Fb+ Architecture & Design

### Assistente de Curadoria

Ana Paula Vaz

### Producão

Helena Prado Paloma Cassari

### Museologia

Angela Freitas Dulcinéia Paz

### Iluminação e Áudiovisual

MMV Montagem Áudiovisual Primeira Opção

### Design Gráfico

Vitória Medeiros

### Arquitetura

Caroline Roda Karine Rodrigues Karoline Borges Rafael Chnee Fb+ Architecture & Design

### Coordenação Financeira

Nelma Alós

### **Financeiro**

Aani Alós Tatiane Monteiro Silva

### Revisão de Textos

Cícero Oliveira

### Tradução de Textos

Lara Maia

### Consultoria Jurídica

Olivieri Consultoria Jurídica em Cultura e Entretenimento

### Cenotécnica

Artos Ltda See Glass

#### **Montadores**

Breno Brasil Daniela Rosa Mel Carabolante Samuel Luis Borges

#### Pintura

Charles Fernandes Serviços de Pintura

### **Educativo**

Fabia Feixas Mais Produtora

### Coordenação de Monitores

Renan Torquato Godinho

#### **Monitores**

Andressa Palomo Balarin Daniela Soares Débora Helena Seiva Ian da Rocha Cihetto Leonardo Sampaio da Silva Simone Soares Moreira Luz

### Assessoria de Imprensa

Marra Comunicação

### Catálogo

Vitória Medeiros

#### Fotos

Vela

### Programação Visual

Tipografia Comunicação Visual

#### Seguro

Finarte

### Transportadora

Millenium

**Limpeza** Mariana Souza Lira Des Evento



















